

VÉSPERA DE NATAL  
TEXTO: MATEUS 1.18-25

## 1. Para começar

**Temas gerais:** Salvação, misericórdia, juízo, presença, amor, intervenção.

### Temas sugeridos

- 1) O Natal e a pandemia de 2020.
- 2) A dupla missão do anjo no Natal de José.

## 2. Os textos do dia

**Salmo 110.1-4:** O Salmo 110 não figura na lista dos mais conhecidos pelo povo de Deus, mas é uma pérola no saltério e um sério candidato a receber mais atenção. Trata-se de um dos mais importantes textos do Antigo Testamento, sendo um dos mais citados (17 vezes!) no Novo Testamento.<sup>1</sup> Jesus fez uso deste Salmo (Marcos 12 e Mateus 22). Pedro, no Pentecostes, praticamente prega sobre ele. E poderíamos argumentar que o Livro de Hebreus está substancialmente fundamentado nele. Classificado como um dos salmos messiânicos de Davi, seu uso litúrgico é mais lembrado a partir da festa da Ascensão, por apresentar-nos o Cristo que reina, julga e está assentado à direita de Deus. Mas a Cristologia do Salmo é mais ampla e seu aproveitamento na noite de Natal tem legitimidade.

O salmo todo tem apenas sete versículos, embora a perícopes prescreva apenas os quatro primeiros. Davi nos apresenta um personagem fascinante, maior que ele próprio, com quem Deus fala e a quem Deus está chamando para assentar-se ao seu lado. Ele é descrito como “sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” e é comissionado por Deus para reinar e para julgar. Davi o chama de *Adonai*. Ele é seu senhor, mas é também diferente do Senhor. Intrigante. Quem é esse personagem? O Natal revelará: Jesus Cristo.

O Salmo 110 parece estar nesta perícopes Natalina porque além do ofício *real* de Cristo, ele também aponta para o *sacerdotal*, ou seja, para aquele em que se enfatiza a obra de encarnação, substituição vicária e redenção realizada pelo Filho de Deus. Ao justapor

---

<sup>1</sup> Conforme comentário na Bíblia de Estudo da Reforma.

os dois ofícios de Cristo, o Salmo 110 está nos aconselhando a que evitemos uma mensagem aguada e domesticada sobre o Deus-menino na véspera de Natal, tentação presente tanto na cultura de hoje como na fé de muitos. Ele veio mimoso e em fraqueza sim, escondido em seu contrário, mas a criança que entrou no mundo no estábulo, apesar de ter cheiro de bebê, fazer sons de bebê, se alimentar como um bebê, ser dependente da mãe e do pai como um bebê, e ser de verdade um bebê, é também muito mais que um bebê. Cuidado com um Natal que passa a idéia de que tudo o que esse bebê reivindica é que lhe façamos *bilu-bilu*, de vez em quando, parece ser um adiantamento de Davi. Este bebê que virá ao mundo não será uma criança inofensiva, um príncipe dócil, um mestre simpático, mas o *Adonai* encarnado, que invade a história para intervir, salvar e julgar, morrer e reinar. O sacerdote é rei e o rei é também sacerdote. Aos inimigos, Ele anunciará que serão neutralizados e postos, no devido tempo, no lugar que merecem. Ao povo, uma promessa inquebrantável de oferta substitutiva e voluntária. E a todos um chamado: não me subestime, não me trate como um simples cara do bem, como um mero líder religioso, como um objeto decorativo da festa. Eu sou muito mais que isto.

**Isaías 7.10-14:** O texto do Antigo Testamento apresenta Israel correndo perigo de ter seu país invadido. Há uma crise geopolítica se aproximando e o rei Acáz está preocupado. Só que ele não esperará pela derrota de braços cruzados. Pegará para si a responsabilidade de salvar a nação porque acredita que tem a situação sob controle e o plano perfeito. Sua estratégia está baseada num conluio político-externo com potências vizinhas. Boa habilidade diplomática, mas péssima demonstração de presunção. Sem falar na falta de confiança em Deus.

É nesse contexto que o Senhor envia Isaías. O profeta está trazendo boas notícias para o rei e para o futuro do povo, mas este se recusa a acreditar que Deus estará do seu lado para ajudá-lo. Acáz está determinado a buscar socorro numa aliança com a Assíria. Ao invés de pedir o sinal estimulado por Isaías, Acáz responde com uma piedade fingida: como haveria de testar a Deus desse jeito? Tudo bem, responde Isaías. Já que você não quer pedir por um sinal, Deus lhe dará um sinal por conta própria: Emanuel. É daí que veio a famosa profecia do filho concebido pela virgem, verso repercutido pelo evangelista Mateus e imprescindível nos autos de natais. Foi uma promessa dada originalmente neste contexto de crise e drama nacional, de tempos incertos, a um rei teimoso, rebelde,

prepotente, disposto a mendigar pelo apoio de outros governantes, mas incapaz de perceber e confiar no socorro divino.

Segundo o professor Andrew Bartelt, exegeticamente essa presença de Deus que visita Acaz e que visita o seu povo em cada geração é ao mesmo tempo julgamento e salvação<sup>2</sup>, paradoxo que já havia ficado evidente no Salmo. O sinal do Emanuel veio em Isaías 7 e nos vem a nós como lei e evangelho. Deus está de fato *conosco* através da encarnação, vida e obra de Jesus. O verbo se fez carne e habitou entre nós. A promessa foi cumprida e ela concretizou um livramento de uma crise muito mais profunda que uma invasão territorial. Ele continua conosco e continuará conosco, agindo para resgatar e salvar. O sinal do Emanuel é, antes de tudo, um sinal de esperança e promessa, de graça e misericórdia. Mas ele é também um chamado ao arrependimento.<sup>3</sup> Especificamente, aqui em Isaías, podemos pensar num chamado ao arrependimento de nossa obsessão por controle de nossa vida e de gerência de todas as coisas, de nossa teimosia em sermos os protagonistas dos nossos projetos de autogoverno e salvação. Podemos cogitar também nossa incapacidade de enxergar os sinais de Deus na nossa vida, de acolher sua interferência em nossos dilemas, e o arrependimento dos conchavos espúrios que tramamos com nossas assinaturas e cabeças-feitas. É um lembrete para fazermos inventário de nossas alianças e ídolos, de onde nós temos depositado nossa esperança e confiança.

**1 João 4.7-16** – A epístola de 1 João compõe a perícopes para, sobretudo, oferecer uma perspectiva parenética para o culto da noite de Natal. As orientações para a vida cristã acham no texto neotestamentário subsídio para uma pregação centrada na fé ativa no amor, caso o pregador escolha este caminho um tanto alternativo para a ocasião, ou pelo menos, para aporte a uma homilia que enfoque os outros textos do dia. A linha de pensamento que preferimos sugere este uso mais coadjuvante da epístola. Num final de ano ainda assombrado pela pandemia, a conclusão de qualquer pregação Natalina poderia enfatizar esse amor e cuidado com o próximo, fruto da fé e marca do cristão. Para quem quiser aprofundar este tema, sugere-se a leitura das palestras que Lutero deu sobre 1 João

---

<sup>2</sup> Citado por BECKER, Wally. *Advent 4: Isaiah 7:10-17*. December 22, 2013. <<https://concordiatheology.org/2013/12/advent-4-%e2%80%a2-isaiah-710-17-%e2%80%a2-december-22-2013/>>. Acesso em: 31 out. 2020.

<sup>3</sup> GIBBS, Jeffrey A. *Matthew*. St. Louis: Concordia, 2006, p.109–114 citado por BECKER, Wally. *Advent 4: Isaiah 7:10-17*. December 22, 2013. <<https://concordiatheology.org/2013/12/advent-4-%e2%80%a2-isaiah-710-17-%e2%80%a2-december-22-2013/>>. Acesso em: 31 out. 2020.

para seus alunos em Wittemberg, em 1527, justamente num tempo em que a peste havia se espalhado pela região.<sup>4</sup>

Não há dúvidas de que falar de amor na noite de Natal faz todo o sentido e 1 João é rico não apenas no conteúdo deste amor, mas na própria estrutura do texto. Sobre a *estrutura*, poderíamos fazer o recorte dos primeiros versículos (7 a 10), trecho poético que parece ter feito parte de um hino primitivo. Uma série de pregações sobre “Os Hinos do Natal”, que perpassasse o advento com os cânticos de Zacarias, Maria, Simeão, e os anjos nas campinas, bem poderia culminar com esta porção de 1 João 4. Sobre o *conteúdo* deste amor nesta passagem, pode-se falar de sua origem celestial, de sua manifestação mais explícita em Jesus, de sua dupla finalidade (Deus e o próximo), de sua relação com o Espírito, com a fé, com a vida e com o testemunho, para elencar alguns pontos.

A epístola da noite também se presta para uma relação entre a procedência do amor e a história do nascimento de Jesus. O envio do Messias, prometido deste a queda, anunciado pelos profetas, e concretizado em Belém, pode render boas conversas com o argumento joanino do amor que nos é dado por Deus. Recentemente abordamos esta temática, inspirados numa Cantata de Natal, de autoria de Gary Rhodes, chamada “O Amor Nasceu”. Uma das canções desta cantata tinha por título: “O amor desceu a nós”. Se mexermos com esta idéia, a partir de 1 João 4, poderíamos qualificar este amor em sua essência (é o *Ágape* que nasce na Trindade e é partilhado ao ser humano), em sua economia divina (é um amor- ação, que faz algo, que está em missão, conforme os versículos 9 e 10), e em sua teleologia (é um amor que vem a nós, que está destinado a cada um, tanto para nos transformar como para nos enviar como agentes de transformação).

### **3. O Texto da mensagem: Mateus 1.18-25**

**V.18:** Após Mateus presentear o leitor com a genealogia de Jesus, evidenciando as credenciais do Messias como Filho de Davi e de outras figuras-chaves veterotestamentárias (tema relevante para o evangelista), ele anuncia que contará sobre o nascimento (*genesis*) d'Ele. De cara, delata um drama nas circunstâncias do acontecimento. Se a ancestralidade é um argumento de peso em favor da autenticidade de Jesus, Mateus agora tocará num detalhe extremamente sensível e polêmico. Maria, a mãe, engravida (literalmente: encontra-se com [ele] no *estômago*) antes de ter se unido (o verbo pode se

---

<sup>4</sup> PELIKAN, Jaroslav (ed). *Luther Works*. v. 30. Saint Louis: Concordia, 1967, p.217-327.

referir à união matrimonial ou à relação sexual) com José, o noivo. E além do escândalo de termos uma “mãe solteira”, agregando tensão ao evento, Mateus relata a causa originária (*ek*) de Jesus: a criança foi concebida milagrosamente pelo Espírito Santo.

**V.19:** José reage. A situação em que se encontram é extremamente séria na Palestina do 1º século. Sem possibilidades de teste de DNA, o quadro se configura como adultério, um delito passível até mesmo de apedrejamento público (João 8). Mas José não quer que isso aconteça. Esse é um primeiro detalhe que esse versículo nos apresenta: o caráter desse homem. Em seu sofrimento causado pela certeza de que fora gravemente traído, ainda pensa no bem da noiva. O adjetivo *dikaios* (justo) é mais forte do que a NTLH sugere (“homem que sempre fazia o que é direito”). Ela denota uma perspectiva *Coram Deo* anterior às relações horizontais. “Da *justiça* de José flui sua santificação... Antes mesmo do aparecimento do anjo, as atitudes e decisões de José já eram guiadas e causadas pelo Senhor”.<sup>5</sup> É tocante sua preocupação por proteger a reputação (8º mandamento), dentro do possível, da, agora, ex-noiva. José não proporá um *cancelamento*, uma execração pública dela. Outro ponto que destacamos é essa resolução de José. Para desmanchar a relação com Maria será necessário um divórcio, o que mesmo sem conhecer os detalhes das regras sociais da época, nos aponta para a importância do noivado naquele contexto e a seriedade da situação. José resolve (*eboulēthē* – hapax legomenon) avançar através de um processo discreto, para o bem de Maria. Os planos do casório, lua de mel, novo lar e começo de uma nova vida a dois são conscientemente alterados, dolorosamente, por um plano de divórcio reservado.

**V.20:** O plano de José aparentemente funcionaria bem. José examinou o cenário, estudou as opções (*enthymēthentos*) e decidiu o que fazer. Mas Deus intervém. Um anjo enviado pelo Senhor visita José e lhe diz para não ter medo, encorajando-o a casar-se com Maria, uma vez que o bebê gerado nela foi obra do Espírito Santo. Vale reparar neste “*não temas*” clássico. O Natal não envolveu apenas *boas vibrações* e sentimentos suaves. Há temor ao redor dele. Neste versículo este medo por ter a ver com estar sendo chamado a acreditar e a sustentar o suposto absurdo da concepção virginal. Ou poderia ter a ver com as questões práticas que decorreriam da decisão de casar-se com Maria e

---

<sup>5</sup> BULS, Harold H. *Exegetical Notes, Series A, Festival Season Sundays, Gospel Texts*. Concordia Theological Seminary Press: Ft Wayne, 1980, pp.13-15.

ser pai daquela criança. Outro ponto: esta será a primeira, mas não será a última vez que José será perturbado em seus sonhos por revelações angelicais que representam intervenções de Deus na história. As questões de problemas com o sono dos pais de recém-nascidos encontram algum ponto de contato aqui. Mas para além desse paralelo, há um ensinamento na narrativa de Mateus do Natal que estamos enfatizando: José estava interpretando os eventos de um jeito. Deus vai ensiná-lo a interpretar de outro. José achava que seria hora de proteger sua amada da exposição e da vergonha. Mas o anjo o interrompe, dizendo que o Espírito Santo está por trás de tudo e a sua missão será outra. Notem essa característica surpreendente e interruptiva da ação de Deus.

**V.21:** A mensagem do anjo é concluída neste versículo, destacando duas responsabilidades específicas para os pais do Filho de Deus. Ela, Maria, dará à luz. Ele, José, porá o nome.

Dois detalhes: primeiro, o significado e o porquê do nome próprio “Jesus”. O nome já comunica a obra soteriológica da criança: salvar o mundo e perdoar os pecados. Elimina-se aqui visões reducionistas tanto para a qualidade da missão de Jesus quanto para o alcance dela. Perdoar pecados é o Evangelho em sua essência. É o principal dom que será conquistado pelo Messias (“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”). Deus nos livre de um Natal sem perdão dos pecados! Deus nos livre de um cristianismo sem perdão dos pecados! Não esquecendo o que decoramos no Catecismo: “onde há perdão de pecados, há também vida e salvação”. A expressão “seu povo” (*laon autou*) valoriza o povo da aliança, mas também inclui os gentios. Vale lembrar também que os leitores originais atentos percebiam na raiz hebraica de *Iêsoun* a conexão semântica entre Jesus e salvação. Segundo, esta segunda interrupção, por assim dizer, que Deus realiza nas expectativas de José. José deve nomear o filho com um nome pré-escolhido. Nomear o filho era tradição e prerrogativa do pai. José talvez esperasse por isso ou sabia que todos esperavam que ele tivesse esse privilégio. O anjo está lhe dizendo, da parte de Deus, que não seria assim. A criança já vinha devidamente designada dos céus.

**Vv. 22-23:** Mateus faz uma pausa na narrativa para uma nota explicativa tipo rodapé, relacionando os fatos com as profecias, para fins de argumentação com seus primeiros ouvintes. Tudo o que aconteceu com Jesus está alicerçado no plano histórico-salvífico de Deus, revelado antecipadamente por Deus através dos profetas. Neste versículo,

particularmente, Mateus recordará Isaías 7. Existe um debate, especialmente fora dos arraiais luteranos, sobre o significado da palavra virgem. O debate não é tanto sobre o vocábulo grego (*parthenos*), mas sobre o termo em hebraico, na profecia de Isaías. Não precisamos nos preocupar com ele aqui. Melhor destacar a riqueza do  *sinal*, perfeitamente observado por Mateus, como Bengel nos chama à atenção: 1) a virgem ficará grávida e se tornará mãe; 2) o menino; 3) a nomenclatura própria da criança; 4) a interpretação do nome.<sup>6</sup>

**Vs. 24-25:** Ao acordar do sono, Mateus registra um José decidido e obediente, mas não acrescenta qualquer nota elogiosa a essa façanha. Limita-se a narrar que José fez o que o anjo ordenou, casou-se com Maria e não teve relações sexuais com ela até Jesus nascer. Outro debate teológico aqui, onde os luteranos estão mais envolvidos, relativo ao *semper virgo*. Apesar de válido e rico, deixaria a pregação da noite de Natal imune a ele. Prefira ressaltar esse cumprimento de deveres ligados à sua vocação, essa obediência silenciosa, distante de holofotes e não dependente de reconhecimento e exaltação, entregue por José. Tremenda demonstração de fé e exemplo de boa-obra para nós.

#### 4. Comentários Homiléticos

- Entre os temas que poderiam ser abordados no sermão destaque a perspectiva deste Natal num ano completamente atípico, surpreendente, que interrompeu os planos e os sonhos de tantas pessoas, alterando o curso dos acontecimentos de indivíduos, famílias, igrejas, processos educativos e situações profissionais, trazendo também perda, sofrimento, ansiedade e medo. Os textos da perícopes permitem essa abordagem, especialmente Isaías e Mateus.
- A história Natalina é bem conhecida e este fato traz um desafio para o pregador: evitar clichês, encontrar detalhes que ainda possam ser apreciados, sem comprometer as expectativas dos ouvintes que esperam permanecer em alguma zona de conforto e familiaridade com o relato numa data tão especial.
- Pode se escolher alguns destaques e sistematizá-los numa estrutura lógica. O texto fornece material para um belo sermão temático. Ou pode-se trabalhar a história expositivamente, caminhando pelos versículos da narrativa enfatizando os pontos

---

<sup>6</sup> BENGEL, John. Citado por BULS, Harold H. *Exegetical Notes, Series A, Festival Season Sundays, Gospel Texts*. Concordia Theological Seminary Press: Ft Wayne, 1980, pp.13-15.

chaves. Dificil decisão. Optamos em nossa proposta por duas mensagens temáticas.

- Um dos temas deste texto é narrar o “Natal de José”, por assim dizer. Não que Maria não possa ser abordada, ou não haja informações relevantes sobre ela no relato de Mateus, mas a narrativa prioriza o ângulo do nascimento de Jesus sob o prisma do pai. Ter isso em mente, favorecendo-o na pregação, faz justiça à riqueza dos diversos relatos Natalícios de Cristo.
- Outro tema latente é a dramaticidade da história, seu aspecto de “cruz”. O que acontece quando Jesus vem a esse mundo? João filosofa, Lucas fala de alegria e anjos cantando no céu. Mateus fala de perigo, de crise, de drama e de cruz. Há vergonha, exclusão, rejeição e escândalo. Há alteração de planos. E isso apenas em Mateus 1. Se chegarmos a Mateus 2, veremos coisas piores, como o derramamento de sangue dos inocentes. O mundo que recebe o Natal é violento e hostil, também ao evangelho.
- Lutero tem essa abordagem, ressaltando que esta passagem expressa o lado turbulento da história de Natal. A confusão de José nos mostra que assim que a vida cristã começa, pode-se esperar que a dimensão da cruz logo se fará presente.<sup>7</sup>
- “A cruz está presente em nossa vida também... A promessa permanece segura até mesmo quando a temporada de Natal chega em meio a sofrimento e perda. De fato, a história de José, como nos é contada por Mateus, serve como um antídoto para um Natal exageradamente sentimental. Porém, o que temos neste texto não é um balde de água fria que molha nossa celebração. Pelo contrário, temos a água viva das promessas cumpridas de Deus, a razão real de nossa celebração.”<sup>8</sup>
- No relato do nascimento de Jesus, segundo Mateus, o anjo que vem ao encontro de José, desce dos céus com duas missões. Normalmente, lembramos da primeira, talvez mais importante: confirmar a história de Maria, esclarecer definitivamente ao noivo que ele não havia sido traído e que o bebê no útero da amada era mesmo obra do Espírito Santo. José não queria vingança nem escândalo, é verdade, mas o texto diz que sua capacidade de compreensão e benevolência teria terminado por aí. Sem a visita do anjo, José nunca teria subido ao altar. Pelo menos não com

---

<sup>7</sup> Contio in Vigilia Nativitatis Christi, WA 27, p.475–76, citado por ROBINSON, Paul. Advent 4, Matthew 1:18-25, December 19, 2010. *Concordia Journal*. Vol. 36, n.4. Fall 2010, p.366.

<sup>8</sup> ROBINSON, Paul. Advent 4, Matthew 1:18-25, December 19, 2010. *Concordia Journal*. Vol. 36, n.4. Fall 2010, p.366.

aquela mulher. Mas quase nunca enfatizamos a segunda missão do anjo, igualmente obedecida por José. O nome. O anjo também veio divulgar qual seria o nome da criança. José pode ter compreendido “numa boa” aquela diretiva. Mas pode ter se sentido tolhido também. Outro direito que lhe estava sendo tirado. Além de ter que aguentar a vergonha e a rejeição dos vizinhos incrédulos de uma cidade pequena, e de não poder desfrutar de relações sexuais com sua esposa até o parto, também teria que abdicar da prerrogativa social de nomear o filho.

- A razão pra isso, o próprio anjo deu na explicação. O nome serviria como um sinal. Como um cartão de visitas. Como uma etiqueta a ser permanentemente exposta. Como o substantivo próprio que estaria na boca dos parentes, nos registros dos cartórios e matrículas escolares. Quem quer que se encontrasse com o filho de Maria e José, pronunciaria sílabas significativas, proféticas. Talvez uma conversa sobre promessas divinas se originasse a partir de uma despreziosa apresentação. Para alguém atento, a alcunha denunciaria o que aquela pessoa tinha nascido pra realizar: salvar o mundo dos seus pecados, ser Deus com a gente.
- E isso é tanto pra José como para nós, em primeiro lugar, motivo de grande consolo. A encarnação de Jesus significa que Deus não enviou um simples profeta para nos ensinar o caminho de uma vida evoluída, muito menos um fiscal para apontar as falhas em nosso caráter e aplicar o devido castigo. Isso não seria suficiente. Se um curso tipo 12 passos funcionasse, para resolver nosso dilema espiritual, os 10 mandamentos seriam uma prática comum na humanidade. E se Deus aplicasse o justo castigo para os que estão em débito com ele, não sobraria ninguém pra contar a história. Nós não estaríamos aqui. Para realizar o que não teríamos capacidade de realizar, foi necessário que o próprio Deus viesse ao mundo. E ele veio, não para castigar os pecadores, mas para morrer por eles. O nome Jesus e o apelido Emanuel apontam para essa verdade.
- Outro ponto dessa nomeação angélica foi deixado implícito na história. O bebê que já vem dos céus com nome é, também, um aviso aos desavisados, um alerta para que nem José, nem nós, caiamos na tentação de querer ser o agente, o empresário, o manipulador do messias. Não ouse(m) nomeá-lo, teima o anjo. Essa criança não entrará na história para ser domesticada ou servir de fantoche para ninguém. Ceda teu pretense direito e abra mão da tua preferência por um salvador que você possa controlar. Sem condições, acolha-o como Ele veio. Receba-o como Ele lhe foi

dados. Chame-o pelo que Ele é. Se nós tentarmos rebatizá-lo com um nome ou com um rótulo que sirva aos nossos interesses pessoais e ideológicos, ouviremos mais cedo ou mais tarde um “só lamento” do anjo. Não é possível. Nomeie o quê e a quem você quiser, mas não faça isso com o filho de Maria e José. Entenda que não é você quem dá nome a Ele, mas é Ele quem dá nome a si mesmo. E é Ele quem já deu ou eventualmente dará nome a você também.

- Um último comentário homilético tem a ver com a contextualização desta pregação neste ano singular. Creio que o povo de Deus em nossas igrejas e em suas casas (em casos de participação virtual do culto) estará esperando algum tipo de conexão nesse sentido. E o texto nos permite caminhar com temas correlatos. Destaco a questão da dramaticidade e imprevisibilidade que temos experimentado. Muitos planos sendo alterados ou colocados em suspenso. Reviravoltas em várias áreas de nossas vidas e o confronto cru com a realidade de que não temos controle sobre praticamente nada. Mas Deus tem. E é sensível ao nosso drama. E muitas vezes age justamente em tempos assim e através de interrupções e surpresas.

## **5. Sugestão de esboços**

### **Esboço 1**

#### *O Natal e a pandemia de 2020*

Introdução: um ano e um Natal em meio a drama, crise, sofrimento, ansiedades e alterações de planos.

1. O Deus que não pode ser controlado, nem age totalmente de forma previsível (Salmo 110)
2. Deus altera os planos do mal-intencionado Acaz (Isaías 7)
3. Deus altera os planos do bem-intencionado José (Mateus 1)
4. Porque nós podemos confiar nesse Deus que altera nossos planos hoje
  - a) Porque ele não alterou o principal plano que fez em favor da humanidade: o plano de salvação

- b) Porque mesmo quando ele altera ou permite que nossos planos sejam alterados hoje, é para nosso próprio bem
- c) Porque em meio às imprevisibilidades da vida, Deus é Emanuel

## **Esboço 2**

### *A dupla missão do anjo na visita a José*

Introdução: Ilustração: filha com medo de anjos que falam.

1. A primeira [e mais conhecida] missão: confirmar a história de Maria e sinalizar o significado daquela gravidez
  - 1.1 O Natal de José
  - 1.2 A intervenção de Deus através do anjo
  - 1.3 A primeira missão do anjo: anunciar a legitimidade da concepção virginal e orientar José a casar-se com Maria
2. A segunda [e menos lembrada] missão: anunciar o nome da criança
  - 2.1 A fonte e o conteúdo desse nome e o impacto dessa diretiva na vida de José
  - 2.2 A mensagem de lei que essa diretiva traz
  - 2.3 A mensagem de evangelho que ela também possui

Rev. Laerte Tardelli Voss